



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MUSEU COMO ENTRE-LUGAR: DA INTIMIDADE DA COLEÇÃO A ESFERA PÚBLICA DA EGOEXPOGRAFIA

Nicole do Nascimento Medeiros Costa

Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da

Universidade Federal de Pernambuco

Professora coordenadora dos cursos de bacharelado em Artes Plásticas e em Fotografia

da AESO/Barros Melo (Olinda-PE)

nicolecosh@gmail.com

A ação de colecionar está presente em diversas sociedades, nas mais distintas épocas históricas e com diferentes propósitos. Há, atualmente, coleções – eu me arriscaria a dizer – de qualquer objeto, e não obstante dificuldades financeiras ou de espaço, colecionadores reúnem seus objetos há milênios. No entanto, poucas coleções tornam-se efetivamente públicas, algumas vezes com a inserção de objetos em espaços museais já consolidados e outras, em menor número, com a criação de instituições voltadas a exibição de coleções que por muito tempo permaneceram privadas.

Este último caso é o que aconteceu com a coleção do empresário pernambucano Ricardo Brennand. Em setembro de 2002 o colecionador tornou público um espaço expositivo que hoje agrega um castelo, uma pinacoteca, biblioteca e um espaço anexo, a ser inaugurado em breve. Nestes espaços, exhibe objetos que reúne há mais de 50 anos, tais como armas brancas, armaduras, pinturas e esculturas, além de livros e documentos dos mais diversos períodos e localidades. O colecionador, a despeito de sua avançada idade, ainda permanece juntando objetos, além de pessoalmente intervir na colocação das obras nos espaços expositivos, selecionando obras e locais a seu bel-prazer. A instituição é a mais visitada do norte-nordeste e há muito já ultrapassou o primeiro milhão de visitantes.

Após atuar como mediadora¹ nesta instituição, comecei a me intrigar com os questionamentos do público acerca do colecionador e de seus objetos. O que era

¹ De 2002 a 2008, aproximadamente. Neste período, trabalhei no atendimento ao público espontâneo e escolar, participando e criando atividades educativas com vistas a problematizar o acervo da instituição. Entre 2008 e 2010 a pesquisa que fundamenta este trabalho foi realizada, com orientação do prof. Dr. Antonio Motta, e a pesquisa de campo aconteceu entre 2009 e 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

inquietação configurou-se como pesquisa de mestrado e, neste trabalho, apresento um outro olhar sobre a dissertação resultante desta pesquisa. Trata-se, aqui, de analisar, especificamente, as leituras do público, funcionários e colecionador sobre o Instituto Ricardo Brennand – RB² e seus objetos, verificando de que modo ocorrem relações entre a coleção e a biografia do colecionador, em busca de responder questões como: entre o fazer colecionista e a exibição pública dos objetos, o que se modifica? Como colecionadores tornam público este fazer íntimo e, muitas vezes, solitário? De que modo o público de instituições museais percebe este movimento – da intimidade ao museu? Desta forma, trabalho que segue discutirá estas e outras questões atinentes a musealização de coleções particulares, enfocando especificamente a instituição pesquisada.

Da intimidade da coleção...

Coleções, como afirmei, podem reunir os mais díspares objetos. Desde objetos utilitários, a objetos históricos, passando por objetos de arte e outros itens: o que será reunido depende, apenas, de uma ação de colecionamento. Sendo assim, as diferentes significações que um objeto pode ter refletem, o contexto onde se insere e de que modo lá foi inserido.

Através desta perspectiva, é possível visualizar que as funções que um mesmo objeto pode desempenhar são múltiplas, a depender do sistema de objetos onde se enquadra. Abraham Moles (1979) exemplifica esta situação observando um elemento da natureza, uma pedra, analisando suas diferentes funções, desde quando está na natureza até colocação de uma etiqueta de preço – o que lhe modifica a função e a transforma em um produto: peso para papéis.

Ampliando o exemplo proposto pelo autor acima, é possível perceber que quando inserida no ambiente da natureza, a pedra faz parte de um ecossistema. Caso seja retirada dali por alguém e utilizada como peso para papéis, a pedra adquire outra função – distinta daquela que possuía no ecossistema – e, desenvolvendo o que propõe o autor, acredito que também agrega a si outro significado. No caso de ser retirada da natureza e colocada à venda com seu respectivo preço de “peso para papéis”, a pedra

² Utilizarei ao longo deste trabalho a sigla RB, para designar Instituto Ricardo Brennand. No caso do colecionador, Ricardo Brennand, utilizarei seu nome.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possui a mesma função anterior, porém outro significado – posto que se insere em um sistema de circulação de mercadorias. Vale notar que se este objeto for comprado e presenteado a alguém querido, seus significados anteriores se ampliam devido ao peso de papéis ser inserido em um sistema de objetos permeado por afetividade – na categoria de lembrança.

As diferentes significações que os objetos podem ter se relacionam com os sistemas onde estes se inserem. Tais modificações de significado não implicam, de modo algum, em *perda* de significação, pois creio que os objetos possuem uma biografia. Assim, a biografia do peso para papéis do exemplo acima também *incluiria* sua fase como pedra, e esta fase faz parte do significado que o peso para papéis tem.

Diante disso, é importante definir a biografia de objetos, uma vez que tal nomenclatura, semanticamente, está associada a vida humana. Trata-se da análise dos significados que os objetos podem assumir ao longo de sua vida útil. Tais significados podem modificar-se e, para abarcá-los, Igor Kopytoff (2006) define perguntas como: por quem este objeto foi feito? Com qual finalidade? Onde se situa atualmente? Para que serve? Para o autor, estas questões podem aclarar os significados que os objetos podem assumir ao longo de sua vida e, desta maneira, para Kopytoff os objetos possuem biografias que devem ser esmiuçadas em estudos sobre a cultura de populações, sejam elas mais ou menos complexas.

O autor aborda, inclusive, as coleções e os percursos dos objetos entre sistemas de circulação de mercadorias e, também, que significados podem ter nesses diferentes contextos. Ressalto que a relação entre as pessoas e objetos, para o autor, é fundamental na definição dos significados que comenta. É, preciso, pois, analisar os significados que os objetos podem ter no contexto de coleções musealizadas, pois as coleções podem constituir-se como sistemas de objetos que operam por meio de significados e processos inteiramente diversos daqueles que regem os sistemas econômicos. Conforme define Kryzstof Pomian, a coleção é

“[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.” (Pomian, 1984: 53).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Numa coleção os objetos – mesmo os utilitários – podem possuir valor de troca, mas o possuem enquanto objeto de coleção (e isso por sua vez, a depender da coleção onde se insere, ou de outro fator que lhe agregue valor, pode inclusive aumentar o valor de troca do objeto). A percepção das coleções como sistemas específicos presta-se a considerar as mudanças de significado que podem adquirir em espaços expositivos. Possivelmente estas mudanças de significado sejam mais visíveis no caso do colecionamento de objetos que faziam parte do sistema econômico, como por exemplo latas, bonés ou caixas de fósforo, itens que hoje ocupam o rol infinito de objetos colecionáveis.

No entanto, no caso do RB as mudanças de significação se dão na associação dos significados a figura de Ricardo Brennand, posto que os objetos em exibição, em sua maioria, são objetos históricos ou artísticos. O lugar os objetos ocupam nesta coleção e, até mesmo, sua presença ali, fornecem dados para os visitantes, como abordarei adiante, que os tornam indissociáveis do colecionador. Sendo assim, é inegável que nas biografias dos objetos desta instituição há a presença marcante de Ricardo Brennand.

Esta dimensão de significação é extremamente relevante em se pensando nas coleções, pois creio que a ação de colecionamento pode se relacionar com a escrita de biografia, tornando a coleção uma *autobiografia por meio de objetos*. No campo da literatura, Philippe Lejeune (2008: 14) assim define autobiografia: “*narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.*” Este autor tem seu foco na escrita de si por meio da narrativa *literária*. Contudo, creio que suas definições podem nortear análises sobre as escritas de si em narrativas *objetuais*, nas quais a linguagem é a conjunção entre modo de selecionar e de expor os objetos colecionados.

No caso de Ricardo Brennand, o primeiro objeto de sua coleção está, creio, intimamente relacionado com o início do que considero ser a sua autobiografia objetual: um canivete. Partindo deste objeto, existem diferentes narrativas que explicam o início da coleção, seja em textos colocados na instituição, em entrevistas do colecionador ou ainda em atividades educativas, nas quais permanece esta explicação para o começo da paixão do colecionador por armas. Esta narrativa, contudo, não pode ser ilustrada, pois



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

o canivete não está em exposição. Contudo, tanto os escritos presentes no museu, como as falas dos mediadores da instituição e também do próprio colecionador sempre evocam a importância deste objeto para o início da coleção.

No primeiro catálogo publicado pela instituição sobre a coleção de armas de Ricardo Brennand, bem como em placa situada à porta do Museu-Castelo São João, o colecionador comenta sobre este início de sua coleção. A existência do canivete também é muito evocada em diferentes ocasiões, como por exemplo durante a pesquisa de campo:

“Ricardo Brennand – Este é um hábito de família. O meu pai nunca andou sem um canivete na algibeira... E isso se transmitiu para mim. Eu nunca me levantei da cama sem pegar na mesinha de cabeceira o meu pequeno canivete. Que me acompanhou a vida inteira...” (Ricardo Brennand, entrevistado em 24/02/10)

:

O referido canivete mantém uma profunda relação com a justificativa que o colecionador dá para agregar os objetos que a instituição exhibe. Creio que este canivete equivale a uma espécie de mito fundador da coleção, em torno do qual se fundamenta todas as demais reuniões de objetos que Ricardo Brennand empreende. Também há que se ressaltar que não apenas o colecionador atribui este significado ao canivete, mas também outros funcionários da instituição e também as informações que o RB disponibiliza ao público.

Como se vê, este canivete possui função e significados fundamentais. A este objeto, segundo as narrativas do colecionador – que também são reproduzidas pela equipe de mediação – posteriormente se juntariam muitos outros. Sua função primordial é a de explicar a existência de mais de mil canivetes – fora outros tipos de arma – reunidos por uma só pessoa. Concomitantemente a esta função, o canivete também possui significados especiais para o colecionador: vinculá-lo ao seu pai e, fundamentalmente, o canivete é o elo entre o colecionador e sua infância em família.

Por outro lado, ainda que o canivete não esteja presente, ele é o mito de origem da coleção. Isto talvez seja ainda mais potencializado exatamente pelo fato deste objeto não estar ali. Comparações como *“é como a moeda do Tio Patinhas”*³(Registro de

³ Esta é uma comparação bastante comum, tanto da parte de mediadores – sobretudo explicando a ausência do canivete a grupos de crianças e jovens – como do público. O personagem de Walt Disney



campo), ou observações como “*ele é muito valioso?*” (Registro de campo) apenas denotam o interesse que público e funcionários nutrem por esta peça, que se torna mais especial ainda por sua ausência.

Como procurei demonstrar, Ricardo Brennand estabelece uma espécie de mito fundador de sua coleção ao atribuir a seu fazer uma relação com um hábito de família. Assim, parece-me que ao mesmo tempo em que o colecionador explica seu colecionismo vinculando-o à exitosa história familiar, Ricardo Brennand também faz uma espécie de *mea culpa* pela excessiva atenção que dá às armas brancas, também por meio da vinculação entre este tipo de arma e os costumes de sua família. A escolha por objetos bélicos pode estar subrepticamente relacionada ao desejo do colecionador por criar uma narrativa de si – a sua autobiografia – que o relaciona à aristocracia européia, o que, como veremos, é ratificado continuamente na instituição.

... A esfera pública da egoexpografia

A inserção de aspectos da vida pessoal do colecionador aos objetos, ao que tudo indica, ocorre através de um processo de escrita de si, e na minha perspectiva o colecionismo é uma espécie de modalidade dessa escrita. Para Phillipe Artières (1998), a autobiografia é uma prática de arquivamento do eu e está presente de variadas formas na sociedade ocidental. O autor ressalta, dentre essas práticas, aquelas que envolvem os documentos escritos ou impressos como cartas, tíquetes, cartões postais.

Desde o fim do século XVIII, como observa Artières (op. cit.), ocorre uma valorização dos escritos pessoais. Assim disseminam-se, por volta desta época, os diários pessoais⁴. Também é neste período que o poder da escrita de si se estabelece, pois “(...) *para existir, é preciso inscrever-se: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, bancárias.*” (Artières, op. cit.: 12) A partir do século XIX há uma intensificação do comércio e divulgação deste tipo de escrito, inclusive por meio de seu colecionamento.

guarda a sete chaves sua primeira moeda e a ela é atribuído o poder de Tio Patinhas ganhar dinheiro. Tal como seria no caso do canivete de Ricardo Brennand, conforme uma das histórias que circula em torno deste objeto – a de que ele está cuidadosamente guardado, a moeda de Tio Patinhas é vista apenas por seu dono.

⁴ Note-se que também é nesta época que o colecionismo privado irá se estabelecer, com os gabinetes de curiosidades. Assim, da mesma maneira que o diário pessoal como modo da narrativa autobiográfica se consolida, as coleções como arquivo de uma visão de mundo (e de si) também se ampliam. A esse respeito, ver as discussões propostas por Helga Possas (2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Este arquivamento de si – portanto uma autobiografia constituída através dos objetos – é patente quando observamos arquivos como esses analisados por Artières. Porém, quando se trata de objetos como armas ou canivetes, as relações biográficas são mais sutis. É preciso ler esses objetos não apenas através de seus aspectos visíveis, mas também por meio de suas relações com outros objetos e com o local onde se inserem.

Uma das maneiras de se estabelecer tais relações é verificando onde esta autobiografia é escrita. No caso do RB, os objetos colecionados atualmente estão em exibição pública numa instituição que mantém, inclusive, uma relação nominal com o colecionador⁵. Permanece ainda o problema de relacionar os objetos ali expostos com a vida de Ricardo Brennand. Já ao chegar na instituição, muitos visitantes estabelecem relações entre o colecionador e a Europa e isto não ocorre apenas devido ao nome do colecionador, mas permanece como influência na análise que o público faz sobre os objetos da coleção. Desta maneira, a partir da tipologia do acervo o público infere que o colecionador ou é europeu ou tem ali sua procedência. Este tipo de observação do público acontece, sobretudo, no Museu-Castelo São João, onde as armaduras se sobressaem como objeto denotativo de um determinado período histórico sem correspondência no Brasil.

Mas a representação da procedência européia acontece de forma mais emblemática no brasão da família, onde se encontram representados – segundo a normatização heráldica inglesa – os símbolos das origens e a própria trajetória da família no Brasil. Primeiramente, esta representação consiste no fato mesmo de possuir um brasão, posto que no Brasil a criação de brasões foi mais freqüente durante o Segundo Reinado (1840-1889), constituindo-se como um certo pastiche das tradições heráldicas francesa e inglesa. Em segundo lugar, fazendo uma leitura das imagens do brasão da família brennand brasileira, é possível ver símbolos relacionados ao ciclo do açúcar e a respectiva inserção da família em uma ancestralidade – da qual o brasão, para os heráldicos, é símbolo maior.

Além do brasão familiar como símbolo das origens européias dos Brennand, é inquestionável sua relação com a construção de um castelo para abrigar a coleção. Tal partido estético recorda-me passagens de Umberto Eco (1984), analisando a construção

⁵ Devo ressaltar que esta relação é exclusivamente *nominal*, pois o “Instituto Ricardo Brennand” homenageia e lembra o *tio homônimo* do colecionador, e não a ele próprio.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de instituições museais na costa oeste dos Estados Unidos. Como no Brasil, também neste país os castelos são construções inspiradas nos modelos medievais europeus. Isto traz para a construção da imagem pública do colecionismo de Ricardo Brennand uma aura mítica, profundamente relacionada às representações ficcionais de castelos presentes em alguns filmes da atualidade. O Museu-Castelo São João é uma construção inspirada no castelo dos Tudor da Inglaterra. Ricardo Brennand contou-me que seu interesse por este tipo de construção, aliado à necessidade de construir um espaço expositivo adequado a seu acervo, acabou por levá-lo à construção de um castelo em plena Várzea, subúrbio da cidade do Recife-PE.

No que concerne a criação de espaços expositivos por colecionadores, Vera Beatriz Siqueira (2009) comenta sobre o caso da coleção Castro Maya. O colecionador carioca, após herdar uma série de objetos do período colonial, mantém esta coleção, porém decide aumentá-la com a inclusão de obras do período modernista brasileiro e internacional. Para tanto, justifica-se comentando sobre a necessidade de incluir em seu acervo obras que reflitam um Rio de Janeiro com uma urbanidade crescente, mas que não nega seu passado.

A fim de abarcar este desejo, segundo a autora, Castro Maya construirá sua Chácara do Céu. O espaço, destinado a abrigar parte de sua coleção, projetado pelo arquiteto Wladimir Alves de Souza a partir de indicações de Castro Maya, procura demonstrar arquitetonicamente as predileções do colecionador, como no caso do RB. Assim, Castro Maya constrói um edifício integrado a paisagem carioca, procurando mesmo valorizá-la e, como afirma a autora, tomando-a como parte da coleção (Siqueira, op. cit.: 189). Já Ricardo Brennand erigiu o seu castelo com vistas a abrigar sua coleção, mas sua predileção por este tipo de construção também pode ser índice de um desejo de ressaltar seu passado europeu – a todo tempo afirmado na instituição – e, ainda, demonstrar seu poder econômico frente a uma sociedade que, ainda hoje, baseia-se nas posses de alguém como definidora de posições sociais.

A construção do Museu-Castelo São João ficaria pronta antes da Pinacoteca, em meados de 2001. A formação do colecionador, aliada a um olho clínico sobre seus objetos e aquisições, contribuirá para a colocação das obras nos espaços expositivos, que começa a acontecer antes mesmo da construção ser concluída. É o que ressalta o colecionador na passagem que segue:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“Fiz uma mistura então lá no castelo, quer dizer, tem uma sala que tem muitos quadros orientalistas, pus minha coleção de canivetes lá, arrumei as facas e as espadas todos e pus o que eu tinha na época de cavaleiros e armaduras, muito bonito. E acho que dei um feitiço, uma arrumação bastante satisfatória.”
(Ricardo Brennand, entrevistado em 24/02/10)

Já no início da organização do castelo, como é possível perceber na passagem acima, começa a se configurar a sua *egoexpografia*. Com a construção de um castelo e a escolha por este modelo arquitetônico, o colecionador deixa entrever seu interesse por um período específico da história, bem como também deixa transparecer sua predileção por determinado modelo expositivo.

A edificação do castelo ratifica a construção aristocrática da qual o colecionador faz parte. Ricardo Brennand já era conhecido no meio empresarial, mas a construção de sua instituição certamente agregaria valores simbólicos à sua família, posto que à tradição econômica se reuniria a benfeitoria cultural – seguindo mesmo os modelos norte-americanos descritos por Umberto Eco (1984).

Entre a colocação das obras nos espaços expositivos e sua efetiva abertura ao público, a instituição foi se configurando como tal. Como afirmei anteriormente, o colecionador não tinha pretensões de tornar público seu acervo. No entanto, com a construção de um castelo para familiares e amigos, o que era um fazer íntimo começa a ser conhecido de pessoas alheias aos círculos de amizade da família. O castelo motiva personalidades políticas a incitarem Ricardo Brennand a abrir seu espaço expositivo e isto se dará com a exposição de Albert Eckhout, pintor de tipos humanos e naturezas-mortas da comitiva de Maurício de Nassau, governador do Brasil durante a ocupação holandesa (entre 1630-1654).

As obras de Eckhout, provenientes do Museu da Dinamarca, ficaram em cartaz na Pinacoteca do RB entre setembro e novembro de 2002, atraindo ao RB – que naquele momento era aberto gratuitamente ao público – mais de 160.000 pessoas. Depois desta exposição, o RB ficou aberto até dezembro com réplicas em fotografias das obras de Eckhout. No ano de 2003, o RB ficou fechado até março, quando ocorreu a abertura da exposição “Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand”.

Em agosto de 2004, o Museu-Castelo São João foi aberto e a grande afluência de público que pôde ser percebida no caso da exposição de Eckhout novamente acontece



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

no RB. Até a abertura do castelo – e a conseqüente exibição de objetos relativos à história européia, a instituição estava fortemente relacionada com a história do Brasil, devido às exposições de Eckhout e Post. É esta imagem que o público percebe, sempre ressaltando a importância do colecionador em ter se dedicado a reunir este tipo de objetos. Contudo, raros eram aqueles visitantes que se perguntavam sobre o porquê de uma única pessoa amearhar todo aquele acervo, bem como sobre certos objetos da coleção – como o arcaz de igreja ou o cadeiral (ambos oriundos do Rio de Janeiro), estarem ali e não em seus lugares de origem.

Ao mesmo tempo em que as exposições na Pinacoteca colaboravam para a construção da imagem de benfeitor cultural junto ao público, também se consolidava a imagem de “*milionário*”, ratificada por “*aquele outro espaço, o castelo*” (ambas as falas são registros de campo). Como lembra Áurea Bezerra, atual coordenadora do educativo da instituição, antes de sua abertura definitiva ao público o acesso do público era liberado até a entrada do Museu-Castelo e isso acarretava em uma grande curiosidade dos visitantes acerca daquele local:

“O Museu-Castelo foi aberto até por pressão do público, que chegava aqui, tirava fotos na frente desse castelo... [...] O castelo não abriu porque não foi pensado para público... Porque foi pensado para o colecionador... Era como se fosse assim um espaço íntimo, um espaço não-social, mas um espaço íntimo, familiar⁶.” (Áurea Bezerra, entrevistada em 09/10/09)

O castelo foi definitivamente aberto ao público em maio de 2005. A primeira impressão que se tinha (e se tem até hoje), chegando a este prédio, era de que se estava chegando a um verdadeiro gabinete de curiosidades. Eu já possuía a referência imagética deste tipo de gabinete e o Museu-Castelo era a corporificação de lembranças de leituras sobre coleções. Também recorro o deslumbramento do público, contando sobre a experiência fascinante de ter estado ali.

O colecionismo de Ricardo Brennand – evidente na expografia da instituição, constrói, como se vê, uma imagem que o relaciona a esses gabinetes criados à época dos

⁶ Durante o trabalho de campo, percebi muitas falas de funcionários comentando acerca da instituição ser familiar e sofrer muita influência de Ricardo Brennand e seus filhos e netos. Este é um aspecto que é indissociável do RB e eu diria mesmo que é fundamental na análise do colecionismo de Ricardo Brennand, pois mesmo sendo este um fazer íntimo seu, o colecionador procura envolver seus familiares, construindo não apenas uma imagem de si que externa ao público, mas também uma imagem de sua família.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“descobrimientos”. Há que se perguntar se este tipo de expografia é pertinente nos dias atuais, época do “*white cube*”, onde os espaços para a circulação da arte devem ser o mais neutros possíveis para não prejudicar a leitura das obras⁷.

No entanto, a despeito do que a expografia da atualidade preza, o RB segue com sua organização espacial quase que diariamente vistoriada pelo colecionador. Talvez a pertinência resida justamente na exotividade que esta egoexpografia empreendida por Ricardo Brennand configura para o público. Assim, na medida em que o colecionador procura imprimir seu fazer na configuração das obras nos espaços expositivos, os visitantes acabam percebendo este fazer quando visitam o museu.

Isto se aplica não só ao Museu-Castelo, mas também à Pinacoteca: em ambos os espaços os visitantes se “desnorteiam” devido à organização das exposições e perguntam recorrentemente aos mediadores sobre a configuração das obras. Assim, questões como “*segue alguma ordem?*”, “*por onde começa?*”⁸ ou “*por que o quadro de Canaletto está junto ao Frans Post?*”⁹ são costumeiramente realizadas aos mediadores nos espaços expositivos.

Os mediadores, diante de tais perguntas, buscam explicar que se trata de uma ordem estabelecida pelo colecionador, que acrescenta/retira conforme seus desejos os objetos dos locais de exposição, segundo o que seria uma curadoria do colecionador. Acerca da existência desta linha de curadoria no RB, a gerente da instituição afirma:

“A gente tem um perfil. O perfil é de um colecionador. [...] E como todo colecionador, tem uma miscelânea de assuntos na cabeça de um colecionador (...). Pensar o Instituto é pensar o doutor Ricardo. Não existe pensar num sem pensar no outro.”
(Nara Galvão, entrevistada em 16/10/09)

O colecionador continua adquirindo novas obras, das mais variadas épocas e estilos, acrescentando-as aos espaços expositivos e, como abordei no início do texto, inclusive criando novos locais para exibição de sua coleção. Ricardo Brennand responde a este acréscimo sistemático de itens com a respectiva exibição destas novas aquisições nos mais distintos locais. Assim, sua coleção passa a abarcar espaços que não foram

⁷ Cf. Brian O’Doherty (2007), em sua análise sobre a constituição dos espaços para fruição da arte moderna e contemporânea. Seu estudo versa acerca dos locais para a produção artística, contudo muitos outros museus seguem esta linha e também procuram uma expografia asséptica que se assemelha à que foi descrita por O’Doherty.

⁸ Registros de campo muito freqüentes, referentes ao Museu-Castelo São João.

⁹ Registros de campo concernente à Pinacoteca, também costumeiro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

concebidos como locais expositivos, como os corredores. O colecionador também passa a acrescentar objetos no Museu-Castelo São João, além de optar pela livre visitação deste espaço, permitindo sem maiores restrições a visitação pública deste local.

Não apenas no castelo é notável a inserção aparentemente aleatória de objetos nos espaços expositivos do RB. Isto é visível também na exposição “Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand”. A mostra contava com uma proposta museográfica que incluía, também, uma expografia. A concepção inicial da exposição foi, pouco a pouco, sendo alterada pelo colecionador.

O colecionador, sobre suas interferências nos espaços expositivos, afirmou: “*É intuitivo, isso é como um cantor, é como um compositor. Nasce com você. Você tem aquele jeito, tem aquele gosto.*” (Ricardo Brennand, entrevistado em 24/02/10) Desta fala é interessante observar que Ricardo Brennand atribui a seu fazer de colecionador características de um fazer que o aproxima do fazer artístico e, indo mais além, atribui ao organizar os objetos algo inato, que *nasce com você*. O que, a meu ver, se relaciona com a fidalguia da nobreza de outrora – algo herdado consanguineamente. A distinção – seguindo Bourdieu (2008) – que o faz diferente dos demais porque possui o poder de organizar seus objetos tal como um artista.

Como se vê, o colecionador realiza frequentemente – e conscientemente – intervenções nas exposições. Trata-se da egoexpografia de Ricardo Brennand, na qual o seu labor colecionista é evidenciado a todo instante. As inserções de objetos nas exposições chegam a gradualmente imprimir a todos os espaços expositivos uma aura de gabinete de curiosidades que deixa o público, em certas ocasiões desnordeado quanto às obras. A fala sobre a abundância de objetos que o colecionador exhibe é bastante recorrente: “*O que me chamou a atenção foi a quantidade de objetos que ele tem. Porque é muita coisa. É o volume mesmo, é muita coisa. Tem bastante informação este lugar.*” (Visitante de São Paulo, entrevistada em 14/07/09)

Outro visitante, do Rio de Janeiro, também ressalta isso: “*Como é que uma pessoa só resolve fazer uma coleção desse porte?*” (Visitante do Rio de Janeiro, entrevistado em 14/07/09). Mais um visitante, também comentou: “*A quantidade de peças é impressionante, a diversidade e a conservação perfeita das peças.*” (Visitante de Recife, 09/10/09)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Como se vê é marcante – tanto para públicos, como para funcionários, a quantidade de obras que a instituição possui, como já abordei em passagens anteriores. A coordenadora da biblioteca da instituição, Aruza Holanda, também destaca a quantidade e a variedade das obras deste setor: “*Ele é motivado por uma ânsia, eu não digo de compras, mas de ter, de posse. De 2002 a 2003, de 19.270, o acervo duplicou para 39.242. [na biblioteca]*” (Aruza Holanda, entrevistada em 16/10/09) Estas observações de Aruza demonstram uma preocupação do colecionador tanto com adquirir novas obras como também em mantê-las na instituição. O desejo de posse que a funcionária ressalta também é falado pelo próprio colecionador e isto se reflete na necessidade de colocar nos espaços expositivos *tudo* o que possui.

Este modo de exibir a coleção, muitas vezes, acarreta em observações do público acerca da vida do colecionador, configurando assim uma autobiografia narrada por meio dos objetos que ali estão, lida pelo público através de diferentes modalidades de visita que são realizadas – escolar ou espontânea – na instituição. Assim, o percurso de colecionamento de Ricardo Brennand está nitidamente evidenciado de múltiplas formas na instituição. Desta forma, os objetos históricos denotam para o público a valorização que o colecionador atribui à história pernambucana, bem como os brasões e estandartes significam a valorização que Ricardo Brennand dá às origens européias de sua família.

Sobre a valorização da história pernambucana, as falas são muito recorrentes e sempre se reportam à importância do acervo por promover a preservação dos objetos. Um dos visitantes, em seu depoimento, ressalta a relevância da coleção por permitir relações com a atualidade: “*Eu acho legal por conta da história. De ver Recife, Olinda, de muito tempo atrás e perceber a mudança para hoje em dia.*” (Visitante de Recife, 09/10/09)

Outros visitantes também destacam a possibilidade de encontrar, no acervo, objetos relativos à história européia, já exaustivamente explorados em filmes. Como enfatizou um visitante, em fala bastante recorrente: “*Eu nunca vi uma armadura de perto.*” (Visitante de Belém, 09/10/09). O público também associa *todas* as peças ao período medieval – sobretudo aqueles que têm baixa escolaridade, relacionando inclusive o acervo do período holandês no Brasil com a idade média.

Depoimentos como esses acima apenas consolidam a imagem que o colecionador construiu para si e sua família: “*A gente olha o Instituto Ricardo*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Brennand, assim, na internet e vê que a família é uma família histórica, são irmãos, que realmente são irmãos tradicionais...” (Visitante de Recife, 09/10/09) Contudo, é preciso perceber que nas entrelinhas do que os visitantes observam na instituição, há também a confirmação de ideais sobre a cultura e o modo como ela deve ser exibida em museus, corporificados no suntuoso castelo criado por Ricardo Brennand no subúrbio do Recife.

A instituição está tão dissociada de seu entorno – e ao mesmo tempo conectada com a imagem que o colecionador deseja criar de si – que os visitantes chegam a afirmar: *“É você sentir que não está mais no Brasil e sim na Europa, na Inglaterra, na Alemanha...”* (Visitante de Recife, 09/10/09) Como é possível de ser observado, o colecionador elege algumas temáticas específicas e cria uma visão de mundo, da mesma maneira que também objetifica uma história de fidalguia para si e sua família, com a aquisição em um cartório heráldico inglês de um brasão – além da disposição mesma dos objetos. O público relaciona isso tanto a seu poder aquisitivo, como também à história que atribuem ao colecionador.

No caso das armas em exposição, estas podem se relacionar ao poder de quem as possui. *“Eu gosto muito desse espaço aqui, da cavalaria, das armas...”* (Visitante de Recife, 09/10/09), afirmou um visitante que passou horas observando atentamente estes objetos e perguntando sobre eles aos mediadores. Este visitante também perguntou se Ricardo Brennand era militar, *“por causa das armas que estão aqui.”* (Visitante de Recife, 09/10/09) De fato, seguindo o que o colecionador afirma ser a tradição de sua família, Ricardo Brennand passou alguns anos no CPOR, assim como seus filhos e netos.

Como se vê, Ricardo Brennand colecionou durante boa parte de sua vida objetos de sua predileção, mas que são lidos pelos visitantes como a autobiografia que o colecionador escreve. As leituras do público são decorrentes da expografia que a instituição apresenta, aliada às ações educativas. Ambas as instâncias de tradução¹⁰ dos objetos, seja nas atividades educativas ou nas visitas espontâneas, na maior parte dos casos, geram referências do público à grandiosidade do acervo e ao seu valor – financeiro e histórico. E, como autobiografia, o colecionador seleciona aqueles aspectos

¹⁰ Acerca da tradução de objetos no contexto museal, ver Clifford (1999), em sua abordagem sobre objetos e museus etnográficos, mas que pode fornecer reflexões para a análise de outros contextos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que deseja ressaltar, como sua capacidade empreendedora, suas raízes européias e um interesse pela cultura brasileira voltado para períodos históricos, narrativas épicas, específicos como o Brasil holandês ou o século XIX.

A leitura dos objetos no RB é perpassada pela figura do colecionador e, indo mais além, é indissociável de sua vida. Isto ocorre na medida em que os objetos, ao serem fruídos pelo público, de variadas formas se relacionam a vida de Ricardo Brennand – quer pela coleção em si, ou por aspectos mais sutis, como procurei demonstrar ao longo deste trabalho. Configura-se para o público, portanto, uma escrita de si que, no caso do RB é corporificada pela egoexpografia que o colecionador pratica na instituição, além mesmo da própria coleção.

O que permanece como questão, e que talvez mova minha trajetória pessoal em educativos de instituições museais, é: como trabalhar estes aspectos do colecionismo (e da musealização) com o público? Continua, portanto, a busca por provocar uma crítica acerca dos fazeres relacionados aos museus que não apenas exaltem o colecionismo como modo de preservação histórica, mas sim esmiúcem este fazer e suas implicações – através de sua contínua contextualização e reflexão junto ao público, para que as práticas em museus sejam mais sintonizadas com seu público, fazendo com que os objetos em exposição possam provocar experiências que ampliem sua visualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. Introduction: commodities and the politics of value. IN: APPADURAI, Arjun (edit.). [1986] The social life of things: commodities in cultural perspective. Cambridge: The University of Cambridge Press, 2006, p. 3 - 63.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. IN: Estudos Históricos, 1998, n. 21, p. 9-34. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>, acesso em 20/01/09.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: Crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp & Porto Alegre: Zouk, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CLIFFORD, James. [1997] Contactos. Trad. Mireya Reilly de Fayard. IN: Clifford, James. Itinerarios Transculturales: el viaje y la traducción a fines del siglo XX. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999, p. 137-290.

ECO, Umberto. Viagem na irrealidade cotidiana. Trad. Aurora Fornoni Bernardini & Homero Feitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

KOPYTOFF, Igor. The Cultural Biography of Things: commoditization as process. IN: APPADURAI, Arjun (edit.). [1986] The social life of things: commodities in cultural perspective. Cambridge: The University of Cambridge Press, 2006, p. 64-91.

LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico: De Rousseau à internet. Org.: Noronha, Jovita Maria Gerheim. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOLES, Abraham. Teoría de los objectos. Trad. Laura Pla Bacín. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1979.

O'DOHERTY, Brian. [1999] No Interior do Cubo Branco: a ideologia do espaço da arte. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. IN: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. Vol. 1, Memória – História, p. 51-86.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. IN: Figueiredo, Betânia Gonçalves & Vidal, Diana Gonçalves (org.). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argumentum; Brasília: CNPQ; 2005, p. 151-162.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. Espeplhos Urbanos: ordenação temporal na coleção Castro Maya. IN: ABREU, Regina & CHAGAS, Mario (orgs.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 187-198.